



PROGRAMA DE APOIO AO CALOURO: UM ENFOQUE NA APRENDIZAGEM DE ADULTOS EM UM SISTEMA DE MENTORIA

Iara Letícia Leite de Oliveira

Universidade Federal de Lavras

iaraleiticia0710@hotmail.com

Simone Uchôas Guimarães

Universidade Federal de Lavras

suchoasg@hotmail.com

José Antônio Araújo Andrade

Universidade Federal de Lavras

joseaaa@dex.ufla.br

Resumo

Este artigo é um recorte de um projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Programa de Apoio ao Calouro, ao qual acompanha estudantes ingressantes do curso de Licenciatura em Matemática na Universidade Federal de Lavras através de um programa de mentoria. Este programa busca aumentar a interação entre os estudantes do curso; explorar e consolidar os conceitos matemáticos estudados nas disciplinas iniciais; além de desenvolver o espírito crítico e independência. Uma das intencionalidades desta pesquisa é analisar como se desenvolve o processo de aprendizagem dos ingressantes na universidade e quais as principais questões envolvidas na adaptação dos mesmos; e ainda, como as interações ocorridas no trabalho de mentoria podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem desses estudantes. Assim, buscamos compreender quem é o sujeito que chega à universidade e de que forma a cultura pode influenciar o estudante em seus processos de aprendizagem.

Palavras-chave: Aprendizagem de Adultos; Mentoria; Cultura escolar.

1. Introdução

O presente artigo é um recorte de um projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Programa de Apoio ao Calouro (PAC), realizado na Universidade Federal de Lavras (UFLA).¹ Esta pesquisa tem por objetivos analisar como é o processo de aprendizagem dos ingressantes na universidade e quais as principais questões envolvidas na adaptação desses estudantes; e ainda, como as interações ocorridas no trabalho de mentoria contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes da Licenciatura em Matemática; como também, as potencialidades do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) no processo de construção do conhecimento.

O PAC foi elaborado para atender ao curso de Licenciatura em Matemática. Trata-se de um programa piloto, o qual a reitoria pretende estender a todos os cursos da universidade. Mesmo sendo, inicialmente, voltado aos estudantes ingressantes do curso mencionado, participavam também alguns estudantes do curso de Licenciatura em Física e outros que já haviam ingressado na universidade em semestres anteriores, demonstrando a carência de apoio institucional demandada por esses estudantes.

O principal objetivo do PAC é acompanhar os ingressantes no curso durante os três primeiros períodos com atividades que buscam: aumentar a interação entre os estudantes do curso; explorar e consolidar os conceitos matemáticos estudados nas disciplinas iniciais do curso; além de desenvolver o espírito crítico e independência nos estudantes diante dos desafios encontrados (sejam desafios da vida acadêmica ou pessoal). Na busca de viabilizar tais objetivos e para realização das atividades deste programa foram envolvidos três professores do Departamento de Ciências Exatas, e três estudantes que atuam como mentoras - uma mestranda em Estatística e duas graduandas (autoras deste trabalho e responsáveis pelo projeto de pesquisa) do curso de licenciatura em Matemática.

Considerando o fato de a pesquisa versar sobre a aprendizagem dos calouros dos cursos de Licenciatura em Matemática e Física, os dados obtidos, as características do Programa e as temáticas sugeridas para esse evento, desenhou-se a seguinte estrutura para

¹ Esta iniciativa é resultado do Programa de Apoio ao Primeiro Projeto (PAPP)¹ criado pela UFLA. Este último foi criado a fim de apoiar e estimular os professores da UFLA a realizarem trabalhos em equipe na tentativa de beneficiar o desenvolvimento das disciplinas de graduação e fortalecer as áreas de conhecimento que constituem os vários setores da universidade. As propostas encaminhadas pelos professores e aprovadas na seleção do Edital do PAPP receberam apoio financeiro para a compra de materiais de cunho técnico, didático e científico e, em alguns casos, até mesmo bolsas para tutores.

este artigo: inicialmente, apresenta-se a construção de uma noção do conceito mentoria consonante com o trabalho realizado durante a pesquisa; na busca por uma compreensão de quem é o sujeito que chega à universidade hoje, discutiremos como a cultura pode influenciar o estudante em seus processos de aprendizagem. A partir disso, é apresentada a dinâmica das atividades realizadas no programa de mentoria, a metodologia da pesquisa, as unidades de significados levantadas a partir dos dados, e as reflexões teóricas de parte dessas unidades..

2. Uma noção de Mentoria

A dinâmica adotada nas atividades deste programa é um sistema que denominaremos aqui de “mentoria”. Embora, no edital do projeto os bolsistas envolvidos sejam nomeados como “tutores”, na pesquisa utilizaremos o termo “mentor”, pois acreditamos que o conceito de mentoria alinha-se melhor com trabalho realizado.

Existem várias definições para mentoria, mas delinearemos aquela que melhor se encaixa a sistemática adotada para o PAC. Entendemos por mentoria o trabalho de compartilhamento de saberes e experiências que auxiliam no desenvolvimento e formação do outro. Assim, concordamos com a definição de mentor abordada por Erlich (2010, p. 37) baseada nas ideias de Darling et. al (2002) em que “o mentor não é obrigatoriamente uma pessoa mais velha e de maior nível”. Erlich (idem) ainda completa com as ideias de Philip e Hendry (2000) esclarecendo o seguinte “o que importa é que o mentor tenha conhecimento e experiência confiável e relevante para compartilhar”.

Optamos pela escolha do mentor já que este exerce um papel que vai além do ser “tutor”. Botti e Rego (2008, p. 367-368) discutem em seu texto esta pequena diferença entre esses termos. Os autores, a partir de outras literaturas, trazem a definição de tutor como sendo o professor que se preocupa em fazer com que o estudante aprenda a aprender, pode ser considerado ainda como um facilitador que ajuda no processo de aprendizagem. Já o mentor, segundo os mesmos autores, tem um papel que não se limita a fazer com que o estudante aprenda a aprender, mas também o auxilia na busca de outros objetivos. A relação mentor e mentorado (pessoa que é auxiliado pelo mentor) se caracteriza por uma relação de troca, onde há aprendizagem e crescimento em ambas as partes. Segundo

Salgues (2004, p. 23), esse ganho não é apenas para o mentor e o mentorado, mas também para organização². Neste contexto, associamos esta organização ao ambiente universitário, ou seja, não só os ingressantes dos cursos e os mentores são beneficiados, mas também a própria universidade, no sentido de que ações como estas contribuem para que os estudantes estejam mais preparados para os desafios da vida acadêmica, refletindo em sua postura e desempenho (tornando o estudante um sujeito mais autônomo e possivelmente diminuindo os índices de reprovação – fator que preocupa os professores como será discutido adiante).

.Desta forma, as atividades realizadas no PAC, além de contribuir para o sucesso acadêmico dos estudantes no âmbito das disciplinas, visa também fazer com que se adaptem melhor à vida universitária e aos impactos causados pela transição dos níveis de ensino e realidade que vivenciam.

Para entender melhor e compreender esse processo de transição trazemos aqui algumas ideias que nos levam a produzir reflexões a respeito do sujeito que tem chegado a universidade.

Cultura Escolar

A educação é um direito de todos e, no Brasil, o ensino é obrigatório e gratuito dos quatro aos dezessete anos; e ainda, é assegurado o ensino gratuito para aqueles que não tiveram acesso na idade apropriada³. Como consequência disso, tem-se que a instituição escolar acolhe todo tipo de estudante, com suas limitações e ideias, com sua maneira própria de pensar e agir, ou influenciados pelo meio em que vivem. Ao refletirmos sobre outros aspectos e sentidos da escola, nos adentramos num campo mais complexo. Assim, entendemos que a palavra “escola” tem um sentido que vai além de sua estrutura física e aos sujeitos que constituem este local (professores, funcionários, colaboradores, estudantes, entre outros), é um ambiente onde ocorrem importantes processos de socialização; nela estão inseridos diversos sujeitos com culturas, costumes, visões e

² Este é um termo característico dos trabalhos na área de Administração de Empresas, onde a definição de mentoria é encontrada. Vale ressaltar que os contextos onde é empregada esta definição pode se assemelhar ao contexto educacional quando levamos em consideração a possibilidade do compartilhamento de conhecimentos e experiências entre os sujeitos envolvidos.

³ Emenda Constitucional Nº 59, de 11 de Novembro de 2009

opiniões diferentes, e todos esses fatores influenciam no desenvolvimento não só do ambiente escolar, mas de toda sociedade onde estes sujeitos participam ativamente.

Como parte da sociedade, à escola são delegadas funções importantes para o desenvolvimento do meio ao qual pertence. Uma das principais funções dadas a esta é a de promover processos de socialização; nessa função está embutido o papel de preparar sujeitos capacitados para o mercado de trabalho, além de formar cidadãos capazes de intervir na vida pública (Sacristán; Gómez, 1998).

A escola é um espaço de interações, onde se cruzam ideias e culturas que podem influenciar nos processos de construção de significados. Essas interações ocorrem em torno de interesses e objetivos dos grupos que se relacionam, se dá em processos de negociação que nem sempre são claros ou simples. A sala de aula, por exemplo, é um cenário rico de interações, onde podem ocorrer diálogos e negociações. Dentro desses processos de negociação é necessário que todos os envolvidos estejam conscientes de seus papéis; as opiniões e ideias devem ser bem expressas para que não ocorram resistências escondidas, tanto por parte dos estudantes como dos professores. Como discutem Sacristán e Gómez (1998), nas aulas em que permanece a disciplina e ordem impostas pelo professor podem ocorrer fortes movimentos de resistência que podem prejudicar os processos de aprendizagem. Em uma situação como essa “o professor/a acredita governar a vida da aula quando apenas domina a superfície, ignorando a riqueza dos intercâmbios latentes” (p. 19).

Diante deste cenário de interações e diversidade de culturas ficam as questões: Existe uma metodologia que atenda cada sujeito com suas diferentes origens? Qual o papel do professor e do estudante neste ambiente? Gostaríamos de ressaltar que não queremos encontrar respostas a essas perguntas, mas queremos causar no leitor uma reflexão sobre este complexo ambiente de interações que é a escola com o intuito de compreender melhor o perfil do estudante que ingressa na universidade.

Dar conta de toda essa diversidade e mediar à aprendizagem diante das diferentes características dos estudantes, daquilo que eles trazem consigo, que formam suas identidades é uma tarefa difícil, mas julgamos ser possível trabalhar de forma que os efeitos causados por estas diferenças possam ser atenuados.

A noção de cultura e seus efeitos na vida escolar parecem-nos um fator decisivo na formação do sujeito contemporâneo. Segundo Sacristán e Gómez (1998), a cultura é concebida como “o conjunto de representações individuais, grupais e coletivas que dão

sentido aos intercâmbios entre os membros de uma comunidade” (p. 60). A partir disso, podemos afirmar que o sujeito é produto do meio onde vive, isto é, seu desenvolvimento é fruto do sentido dado às relações que ele estabelece com o contexto que o rodeia. Portanto, vale considerar toda interação e forma de comunicar e agir como partes importantes na formação e desenvolvimento do sujeito.

Nesse processo os sujeitos estão submetidos a influências, que, por vezes (trans)formam a conduta dos mesmos diante das diversas situações. Sejam influências dentro da escola, na família, na comunidade em que vive, enfim, até mesmo influência dos processos de comunicação.

Na escola essas influências podem partir de diversos contextos, como o das aulas, nos intervalos com a interação entre os estudantes, nas atividades extra classe, entre outros. Nas aulas, por exemplo, os estudantes são avaliados constantemente; uma das formas de avaliação são as provas, as quais tem a intenção de verificar se houve ou não aprendizagem. Entretanto, geralmente, o que ocorre é que eles estudam somente para buscar sucesso na disciplina, ou simplesmente para obter a nota de aprovação, e como consequência disso, tem-se que muitos processos de aprendizagem não são significativos, mas apenas mecânicos, ou seja, a aprendizagem ocorre por repetição ou através da memorização de algoritmos. Em seu livro, Sacristán e Gómez (1998) trazem uma discussão baseada nas ideias de Ausubel diferenciando esses tipos de aprendizagem. A aprendizagem significativa tem como característica a aquisição de novos significados, sendo estes criados a partir da interação das ideias que se quer trabalhar com aquilo que o estudante traz consigo. Enquanto que a aquisição de significados na aprendizagem mecânica é realizada de maneira rotineira; a transferência das ideias possui um caráter mecânico e não considera as ideias do estudante. Ausubel ainda considera que a aprendizagem significativa é muito resistente ao esquecimento, pois não é uma aprendizagem isolada, mas sim ligada a outros conhecimentos e outras aprendizagens.

Há também o outro lado em que, muitas vezes, os professores colaboram com esta ideia de que a aprendizagem é “medida” através das notas obtidas. Em vários casos, a prova é colocada como único e importante método avaliativo, não como um processo importante para reflexão que irá conduzir o ensino e a aprendizagem, mas como um processo de verificação da aprendizagem. Gatti (2003) mostra isso em uma pesquisa onde discute que poucos professores utilizam a prova como mais um meio de aprendizagem

“ficando a avaliação⁴ restrita apenas a um processo de verificação que se baseia em concepções nem sempre claras sobre o que julga que os alunos devam ter retido, sintetizado ou inferido dos conteúdos tratados” (p. 100).

Ainda neste tema podemos considerar o papel avaliador da escola que, de certa forma, também influencia o sujeito submetido a ela. Avaliar o estudante é uma importante função da escola, mas não é uma tarefa fácil. Em algumas situações chega-se a questionar e confundir o real papel da avaliação, ou mesmo como avaliar. Como afirma Sacristán e Gómez (1998, p.327):

A confusão chega a um ponto em que nós, professores/as, não sabemos bem se avaliamos porque queremos comprovar o ensinado ou ensinamos porque queremos avaliar. Para os alunos/as, a situação é evidente: têm claro que a avaliação não é diagnóstico do aprendizado, mas razão para estudar.

Desta forma, cria-se uma cultura onde o estudante acredita, muitas vezes, que o objetivo de seus estudos está centrado na ideia de passar nas provas e disciplinas que cursa ou para obter sucesso em muitos dos tipos de avaliação e, infelizmente esta cultura se estende, muitas vezes, no ensino superior. Com os objetivos de avaliar não muito bem definidos, o estudante começa a moldar-se a esses tipos de avaliação fortalecendo essa cultura.

Diante de todos esses fatos e considerações podemos perceber o quanto a escola e os acontecimentos marcam fortemente a vida dos sujeitos influenciando-os em sua formação e desenvolvimento não só no ensino básico, mas se estendendo também para o ensino superior e por toda vida do sujeito. A partir disso, considerando o espaço da universidade como um ambiente de interações e aprendizagem, tem-se um confronto de culturas semelhante ao que ocorre na escola básica, porém numa dimensão maior ou mais densa. O sujeito traz para universidade seus costumes e a cultura própria de onde viveu a maior parte de sua vida; juntamente com isso, as interações, as dificuldades, e tantos outros fatores, irão influenciar, como já discutimos anteriormente, os processos de aprendizagem. Além desses fatores, é válido considerar ainda a fase de adaptação do sujeito a um novo espaço que exige novas posturas; é necessária a adaptação ao local, a sistemática de estudos e a tantas outras experiências da vida universitária.

Na UFPA, por exemplo, podemos observar nas disciplinas dos períodos iniciais que

⁴ Gatti usa o termo “avaliação” se referindo ao que chamamos neste artigo de prova.

muitos estudantes apresentam grandes dificuldades devido à defasagem em sua formação na educação básica e pelo fato de não entenderem como precisa ser a sistemática de estudos na universidade, principalmente nas disciplinas da área de exatas. Como consequência disso, por vezes somados a outros fatores, estudantes acabam sendo reprovados ou abandonam as disciplinas, isso quando não abandonam o curso por não acreditar ser possível recuperar a tempo o conhecimento necessário, ou ainda, na tentativa de diminuir gastos (financeiros) próprios ou para seus familiares.

Assim, na tentativa de superar essas dificuldades, tanto de adaptação dos calouros à vida universitária quanto no desempenho nas disciplinas dos três primeiros períodos do curso de Licenciatura em Matemática (Geometria Analítica, Matemática Fundamental, Introdução à Lógica, Cálculo I, Teoria dos Conjuntos, Cálculo II, Análise Combinatória) foi criado o PAC.

Acreditamos que um dos benefícios para os estudantes do curso, através das atividades realizadas neste programa, é a oportunidade de melhorarem sua formação básica em Matemática, propiciando melhor desempenho nas disciplinas. Por outro lado, os mentores, se beneficiarão ao desenvolverem atividades de acompanhamento e orientação aos colegas ingressantes através de encontros semanais, pois poderão trabalhar e refletir sobre o que já foi aprendido nas disciplinas cursadas, melhorando assim, a sua formação.

Portanto, o foco de nossa investigação é desenvolver e analisar o processo de aprendizagem dos estudantes ingressantes na Licenciatura em Matemática e Física no contexto de um programa de mentoria, no qual se procura criar estratégias para que os estudantes possam se adaptar melhor às mudanças em sua vida acadêmica e pessoal.

Para tal, a pesquisa está norteada pelas seguintes questões: *(1) Como se dá a aprendizagem através das interações estabelecidas no âmbito desse programa de mentoria? (Interação: estudante-estudante, professor-estudante, estudante-mentor); (2) Quais contribuições o trabalho de mentoria oferece ao processo de aprendizagem do sujeito?*

3. Metodologia

Essa pesquisa está centrada no desenvolvimento e análise do processo de aprendizagem de estudantes por meio do PAC. Portanto, esta pesquisa é de abordagem

qualitativa, pois nela “a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc.” (GOLDENBERG, 1999, p.14).

As atividades do programa serão divididas em duas fases, a primeira compreendida no período do primeiro semestre letivo de 2012, e a outra referente ao segundo semestre letivo de 2012 (o qual ainda está vigente ⁵). Neste artigo analisaremos apenas a primeira, sendo esta a fase piloto.

Na primeira fase realizava-se apenas um encontro semanal entre calouros e mentores, com duas horas de duração aproximadamente e, a cada encontro, era abordado algum assunto que fora ou seria visto nas disciplinas daquele período – tratamos aqui somente das disciplinas da área de exatas do currículo: Matemática Fundamental (MF) e Geometria Analítica (GA). Em algumas semanas eram realizadas aulas as quais adotávamos a seguinte dinâmica: eram indicadas algumas tarefas, não com o objetivo de resolver para os estudantes, mas fazer com que eles trabalhassem a análise e interpretação do que era proposto, além de aplicar os conceitos que haviam estudado. Em todos os encontros também haviam momentos de diálogo com os estudantes, que nos possibilitou conhecê-los mais e identificar suas dificuldades na vida acadêmica ou até mesmo na vida pessoal. Esse processo, por sua vez, nos ajudava a planejar ações para encontros posteriores e essas ações condizem com o trabalho de mentoria, o qual definimos anteriormente.

As disciplinas de MF e GA são ofertadas no primeiro período do curso de Licenciatura em Matemática. Recentemente há uma preocupação por parte dos professores dessas disciplinas em relação aos altos índices de reprovação. Não sabemos, ao certo, a causa desses índices, mas tanto nós quanto os professores associamos estas ocorrências a um conjunto de fatores, por exemplo: o excesso de estudantes nas salas, a uma abordagem didático-pedagógica inadequada, os conhecimentos prévios para disciplina que não foram consolidados pelo estudante na Educação Básica, até mesmo por fatores de adaptação à vida universitária ou à transição dos níveis de educação (básica para superior), dentre outros de natureza cognitiva ou socioeconômica.

⁵ O segundo semestre letivo de 2012 teve início no dia 26 de novembro de 2012 e se encerrará no dia 27 de abril de 2013. Este atraso no calendário se deu devido a greve ocorrida na universidade no período de maio a setembro de 2012.

A escolha dos conteúdos abordados nos encontros realizados pelo programa foi feita a partir do relato de alguns professores responsáveis pelas disciplinas e também pelo diagnóstico que fizemos a partir das nossas experiências ao cursar a disciplina – principalmente no que se refere às dificuldades que tivemos e que ainda existem por parte dos estudantes no decorrer da disciplina na abordagem de determinados conceitos.

O conteúdo não é apresentado novamente, apenas são destacados e explorados alguns tópicos. Para auxiliar na abordagem dos conteúdos utilizamos apresentações em slides que são disponibilizadas aos estudantes de forma impressa ou pelo AVA. Com estes materiais buscamos abordar os conceitos sob os diferentes aspectos e representações – e em outro momento, acreditamos que este material poderá ser utilizado como parte do repertório técnico-didático de algumas disciplinas do curso. Vale ressaltar que esses momentos são desenvolvidos em forma de oficina e todo material utilizado nesses encontros é produzido pelos próprios pesquisadores.

Utilizamos também o AVA postando algumas atividades referente aos conteúdos, além de questionários e fóruns referentes às dificuldades dos estudantes na vida acadêmica, ou ainda de dúvidas que eles poderiam ter, além de outros materiais, como slides e vídeos.

Diante da dinâmica adotada, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: diário de campo, registros dos estudantes (das atividades presenciais e do AVA) e entrevistas semi-estruturadas.

Para análise dos dados obtidos, utilizamos a metodologia intitulada Análise de Conteúdo. Segundo Bardin (2010, p.40), a análise de conteúdo consiste em um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, em que a interpretação ocorre pela “inferência de conhecimento relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. Em outras palavras, podemos dizer que a análise de conteúdo nos revela aquilo que está por trás das palavras contidas em uma mensagem.

Com os registros e entrevistas transcritas criamos unidades de registro (ou unidades de significado) que, segundo Bardin (2010, p. 130), “é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial”. A autora denomina codificação todo o processo de transformação do material, que antes era bruto e agora encontra-se agregado

nessas unidades, possibilitando “uma descrição mais exacta das características pertinentes do conteúdo” (idem).

Criamos três unidades de registro a partir da leitura dos dados coletados, são elas:

- *Memórias e reflexões sobre o ser estudante*: esta unidade originou-se com base nas reflexões dos estudantes ao lembrarem sua trajetória na disciplina de Matemática durante a Educação Básica – referindo-se aos sucessos e fracassos – em paralelo com o seu desempenho nas disciplinas da área de exatas na universidade.
- *Conflito universidade x escola: como estudar?*: criamos esta unidade considerando os conflitos existentes na maneira como os estudantes universitários estudam, visto que a maneira como eles estudam se reflete no desenvolvimento das disciplinas cursadas.
- *Interação entre os sujeitos no processo de aprendizagem*: a interação é um fator relevante nos processos de aprendizagem. O que iremos destacar com esta unidade é a relação existente entre o professor da disciplina e os estudantes e a relação desses mesmos estudantes com os monitores de tais disciplinas (esses também são estudantes de graduação), focando no que essas relações interferem no processo de sanar as dúvidas. E ainda, iremos focar de que maneira os mentores agem e são vistos pelos estudantes em tais questões.
- *A tecnologia como aliada nos momentos de estudo*: a unidade foi criada a partir do discurso de vários estudantes ao destacarem a utilização de alguns recursos computacionais como suporte, e muitas vezes principal meio, de estudo ou de atenuar as dificuldades identificadas no processo de aprendizagem.

Neste artigo iremos focar na análise realizada a partir da primeira e terceira unidade de registro citada anteriormente.

4. Memórias e reflexões sobre o ser estudante: a trajetória da educação básica a superior

Buscamos discutir aqui um pouco daquilo que trouxemos no início desse artigo em relação à cultura escolar e ao perfil de estudante que se encontra na educação básica hoje.

Em muitos diálogos e até na entrevista, aparece muito na fala dos estudantes esta comparação de sua trajetória como estudante na Educação Básica até agora no Ensino Superior. E essas memórias, geralmente, são muito ligadas à aprendizagem deles nesses níveis de ensino. Placco e Souza (2006) discutem em seu livro a grande importância que a memória tem durante esses processos. Segundo as autoras a memória é tanto função quanto recurso na aprendizagem, em qualquer dessas formas é essencial, sem ela não se aprende (p. 28). As memórias do passado podem nos encorajar ou nos desmotivar. Ainda na perspectiva dessas autoras a memória “de um lado, revela o enrijecimento que valoriza o passado e pode dificultar o ato de aprender, de outro a plasticidade que confere significados e pode operar transformações no sujeito. Nessa dinâmica, a memória é muro e brecha” (idem, p. 30).

Durante o trabalho com os estudantes notou-se que a maioria, participantes desta pesquisa, tinha um bom desempenho na disciplina de Matemática durante a Educação Básica e a escolha do curso estava relacionada a este fato. Esta afirmação apareceu claramente em muitas conversas que tivemos com eles⁶.

O trecho apresentado a seguir foi retirado de uma entrevista⁷ feita com uma das alunas do curso de Matemática, a quem chamaremos aqui de Luana. Revela-se em sua fala a reflexão feita sobre sua própria aprendizagem e ainda afirma que antes era inteligente, como se hoje não fosse mais.

P: E do curso, o que você pensava?

Luana: então, eu não achava que era tão difícil. Aí eu descobri que era mais difícil...

P: Você achou muito difícil quando você...

Luana: Então, porque eu nunca tive costume de estudar. Eu sempre fui inteligente, então nunca parei para pegar e estudar, sempre eu prestava atenção na aula e aprendia e aqui não tem jeito, eu tenho que parar pra estudar. (ENTREVISTA, LUANA, 2012-1, f. 1)

Através das conversas com os estudantes percebemos também que muitas dificuldades trazidas da Educação Básica só foram percebidas no ensino superior. Acreditamos que estas dificuldades se evidenciam mais no meio universitário até mesmo pelo fato de como eram avaliados e como era a sistemática de seus estudos antes, lembrando neste momento da perspectiva de avaliação que discutimos anteriormente. Essa diferença na sistemática de estudos também é visível no discurso dos estudantes.

⁶ Conversas que foram objetos de reflexão nos diários de campo das pesquisadoras.

⁷ Alguns trechos da entrevista com os estudantes foram utilizados neste artigo. Cabe ressaltar que os nomes não foram revelados, colocamos nomes fictícios, para preservar a imagem dos mesmos. Os entrevistadores são os próprios pesquisadores e utilizamos a letra “P” para indicar sua fala.

Josiane, da Licenciatura em Física, entrou na universidade com a pretensão de transferir sua matrícula para outro curso. Perguntamos então se ela já tinha esta intenção quando ingressou na universidade e, em sua resposta ela afirma que sim e justifica a atitude de escolher o curso de Física em função do seu desempenho na disciplina durante ao Educação Básica..

P: Então você já entrou no curso de Física com essa intenção?

Josiane: É. Eu já entrei porque a nota foi muito baixa. Então eu vou jogar numa matéria que eu tenho mais “facilidade” e hoje eu vejo que eu não tenho, aí já tinha pensado em mudar, pensei em transferir. (ENTREVISTA, JOSIANE, 2012-1, f. 1)

A afirmação de Josiane aparece igualmente nas falas de vários outros estudantes, o gerou também reflexões em nosso diário de campo.

Um dos comentários que temos ouvido muito dos calouros é a questão de que a Matemática não é aquilo que eles pensavam, muitos comentam que no ensino médio não tinham nenhuma dificuldade em Matemática e que agora já estão começando a passar dificuldade. Muitas vezes usam frases do tipo “antes eu era inteligente”, como se agora isso não ocorresse mais. (DIÁRIO DE CAMPO, IARA, 2012-1, f. 3)

As dificuldades dos estudantes vindas em decorrência das aprendizagens na Educação Básica ficam evidentes nas atividades realizadas no PAC e são comuns à maioria deles. Um dos casos, durante essas atividades, foi de uma aluna que não conseguia manipular uma expressão dada.

Quando elas concluíram esta primeira etapa do exercício, pensei que as dificuldades não seriam mais tão grandes, pois só restava manipular as expressões até chegar à igualdade $y=ax+b$. A dificuldade era bem grande ao manipular as expressões; talvez pudesse estar associada ao uso das letras, mas acredito que a dificuldade ia muito além disso. Por exemplo, uma das alunas não sabia se poderia colocar “b em evidência” na expressão “ $-yb-b^2$ ”.

Esses são conceitos básicos e que não são de responsabilidade de um curso de graduação ensiná-los. São conceitos trabalhados durante o ensino fundamental e médio. Acredito que algumas disciplinas que utilizam estes conceitos podem trabalhar com exercícios que os explorem mais, mas não acredito que devam ensiná-los.

Esse encontro me fez questionar: como os estudantes chegam à universidade? Em que condições? A universidade é para todos? Como trabalhar com essas dificuldades? Se o ensino básico não dá conta dessas dificuldades, quem fica responsável? Os processos seletivos para o ingresso na universidade realmente são eficientes? (DIÁRIO DE CAMPO, SIMONE, 2012-1, f. 8)

O que percebemos, em muitas das atividades realizadas, é que a dificuldade maior não está centrada nos novos conceitos, mas ainda está presa aos conteúdos, em tese, trabalhados no Ensino Fundamental e no Ensino Médio e que não foram consolidados até a entrada desses estudantes na universidade. Isto nos preocupa enquanto estudantes da Licenciatura em Matemática, bem como futuras professoras. Cada vez mais, os estudantes

têm chegado à universidade com mais dificuldades, e o que poderia não ser problema enquanto estava na Educação Básica – no sentido de que estas dificuldades, muitas vezes, não o impediram de continuar os estudos – torna-se um agravante na graduação, pois estas dificuldades, na maioria das vezes, se convertem em reprovações e desmotivação em relação a seu curso.

5. Interação entre professores e estudantes

A intenção ao criar esta unidade foi mostrar a importância da interação nos processos de aprendizagem. Em muitas atividades realizadas no PAC notamos o quanto foi importante nossa interação com eles, acreditamos que, através das interações, muitas barreiras são quebradas. Há várias maneiras de interagir, a interação com os estudantes participantes não se deu apenas nos momentos de trabalho e exploração dos conteúdos, mas também através de conversas sobre outros assuntos que não eram diretamente acadêmicos. A interação permite criar momentos de negociação e troca de experiência; além dessas interações, como falamos num dos tópicos anteriores, a interação também contribui de maneira significativa na formação do sujeito como se pode observar em um dos trechos de uma das entrevistas.

P: Você estuda sozinha?

Karen: Então eu preciso estudar em grupo. Eu não gosto de estudar sozinha não.

P: Primeira pessoa que eu vejo falando isso!

Karen: Assim, depende das pessoas no grupo né? Pessoas que realmente vão para estudar. Ai um tira dúvida do outro, e acho que estuda melhor. É mais fácil. (ENTREVISTA, KAREN, 2012-1, f. 1)

Um trecho bastante interessante e pertinente para esta análise está no diário de campo e entrevista com a aluna Jacqueline. Esta estudante afirma que não procura tirar suas dúvidas com os professores, como segue abaixo.

P: Em relação as dúvidas. Quando você tem dúvida em algum conteúdo, como você faz para sanar essas dúvidas?

Jacqueline: Ah infelizmente é com vocês no projeto ou sozinha. Porque eu ainda não tenho aquela coisa de chegar no professor.

P: É por que você acha que isso acontece?

Jacqueline: Ah porque a gente ainda fica assim meio cismada com eles né? Porque é diferente de escola. (ENTREVISTA, JACQUELINE, 2012-1, f. 2)

Jacqueline não é a única a ter este tipo de postura, mas nos chamou a atenção esta fala quando relemos o diário de campo – referente a um dos encontros do programa – e percebemos que havíamos registrado que Jacqueline era uma aluna que não tinha medo de arriscar, que não se intimidava diante das dúvidas. Essa observação apareceu nos registros de vários encontros em nosso diário, o que mostra que a postura dessa estudante com o professor era diferente em relação àquela que tinha com as mentoras nos encontros conosco.

Acho muito interessante o perfil da Jacqueline, ela tem muita dificuldade – suas dificuldades são básicas - mas ao ir instigando, consegue ir percebendo as coisas e pensando. É uma aluna que não tem medo de errar, além de ser muito engraçada e alegre sempre. Se tivesse de resumir essa aula, faria em duas palavras: “muito engraçada”. Jacqueline com seu perfil alegre, fez dessa aula uma verdadeira animação. Ela também é muito verdadeira, não tem medo de arriscar, e assim foi em toda a abordagem da sua aula, quando questionávamos algo se sabia, respondia, caso contrário, tentava dar alguma resposta. (DIÁRIO DE CAMPO, IARA, 2012-1, f. 10)

Na entrevista com Jacqueline, e também com Josiane, ficou nítida que a relação com as mentoras, é bastante significativa em seus processos de aprendizagem e adaptação à universidade. Isso reforça a relevância dos momentos de diálogo com os estudantes nos encontros do PAC, esses momentos são importantes para compartilhar experiências vividas na universidade.

P: Você acha que essas conversas ajudam?

Jacqueline: Ajuda bastante. Porque é bom a gente ter uma relação com uma pessoa que já é mais adiantada, já passou por aquilo que a gente está passando. Então vocês entendem a dificuldade da gente. (ENTREVISTA, JACQUELINE, 2012-1, f. 2)

P: Será que te ajudou... porque teve alguns dias que nós comentamos sobre experiências nossas, ou então alguma coisa... Nessas conversas você acha que te ajuda?

Josiane: Com certeza. Às vezes a gente estava no fundo do poço, daí vocês falavam que vocês estavam quase tomando pau, mas que correu atrás dos professores. Ajuda muito. (ENTREVISTA, JOSIANE, 2012-1, f. 6)

Através das entrevistas e diário de campo percebemos que as interações são bem relevantes nos processos de aprendizagem. Nessa perspectiva, o tipo de interação que se estabelece, no que se refere a quais sujeitos estão envolvidos, também influencia. A relação que eles têm com o professor ou monitores é diferente daquelas que eles possuem com as mentoras. Notamos que a relação professor-estudante ou monitor-estudante é mais distante do que a relação estabelecida por nós, mentores, e estudantes. O trabalho de mentoria, como discutido anteriormente, busca – além de fazer com que o estudante tenha uma

aprendizagem significativa – auxiliar em outros objetivos da vida do mentorado, o que torna a relação mais próxima.

Nesse encontro não conseguimos acabar tudo o que tínhamos planejado, mas acredito que mesmo assim foi bom, já que os calouros não tiveram receio de colocar suas dúvidas ou questionamentos. Pude perceber que eles se sentiram a vontade de expor as dúvidas que tinham nos conteúdos. (DIÁRIO DE CAMPO, IARA, f. 2).

Considerações Finais

Neste artigo, buscamos discutir algumas questões referentes à aprendizagem dos estudantes ingressantes na UFLA, principalmente no que se trata das interações ocorridas no programa de mentoria, bem como a maneira como as memórias influenciam nos processos de aprendizagem.

As atividades do PAC nos permitiram refletir sobre a relação do trabalho de mentoria, as interações criadas e como esse conjunto influencia nos processos de aprendizagem. A aprendizagem envolve reflexão e ação. Reflexão do presente e do passado e novas atitudes para o futuro.

Através desta pesquisa, percebemos como a interação entre os sujeitos envolvidos neste trabalho de mentoria influenciam na aprendizagem. As atividades do programa nos ajudaram a observar algumas das diferenças que existem nas interações estudante-mentor e estudante-professor. Além dos trechos destacados, muitos estudantes revelaram o quanto ainda se sentem desconfortáveis para tirarem suas dúvidas com os professores, ou ainda, o quanto têm dificuldades para estudarem sozinhos ou em grupo. Percebemos que a relação dos mentores com os estudantes se torna mais próxima pelo fato de serem estudantes do mesmo curso ou por viverem uma realidade muito semelhante. Além disso, acreditamos que essa relação se dá pela confiança adquirida, tanto pelas conversas quanto pelas atividades desenvolvidas. Assim, a troca de experiências ajuda no crescimento e desenvolvimento de todos, mentores ou estudantes, e a proximidade criada ajuda nos processos de aprendizagem.

Outro fator a considerar são as memórias dos estudantes. Pelo discurso de muitos, e depois complementando com os referenciais utilizados para esta pesquisa, percebemos o quanto as memórias podem influenciar na aprendizagem. Lembranças boas podem trazer

um novo ânimo nos estudos, lembranças ruins podem motivar à superação ou limitar o desenvolvimento do sujeito, desencorajando-o na busca do novo. De qualquer forma, seja qual forem as memórias que se tem, elas atuam de maneira relevante tanto para aproximar quanto para afastar.

E aqui, podemos ainda dizer que a aprendizagem não ocorre só por parte dos ingressantes, mas de maneira muito significativa para nós pesquisadores e mentores. Da aprendizagem dos conteúdos à aprendizagem de como atuar, como agir. Uma ou outra, juntas ou separadas ocorrem desde que estejamos abertos e dispostos a transformações.

6. Referências Bibliográficas

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2010.
- BOTTI, S. H. O., REGO, S. Supervisor, Tutor e Mentor: Quais são Seus Papéis? Revista Brasileira de Educação Médica, p.363-373 (2008). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v32n3/v32n3a11.pdf>>. Acesso em: 10 fevereiro, 2013.
- ERLICH, P. Mentoria e adesão à atividades física: o caso dos usuários da Academia Chesf. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Boa Viagem Administração, 2010.
- GATTI, B. A. O professor e a avaliação em sala de aula. Estudos em Avaliação Educacional, n. 27, jan-jun/2003. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/eae/n27/n27a04.pdf>>. Acesso em: 10 fevereiro, 2013.
- GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar. 3. ed. Rio de Janeiro: Record. 1999. 107p.
- PLACCO, V. M. N. S. e SOUZA, V. L. T. Aprendizagem do adulto professor. São Paulo, Loyola, 2006.
- SACRISTÁN, J. G; GÓMEZ, A. I. P. Compreender e transformar o ensino. 4.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- SALGUES, L. J. V. Processos de Mentoria nas Organizações em Pernambuco, na Visão dos Alunos de MBA Executivo da Universidade Federal de Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Pernambuco, 2004. Disponível em: <<http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20041206165123.pdf>>. Acesso em: 10 fevereiro, 2013.